

NOTAS SOBRE A EXPERIÊNCIA COM HAXIXE

Começamos a fumar dentro de meu quarto, às 10,40 da noite. Estavam presentes eu, Vera (que tomou as notas taquigráficas) e Mourão. O haxixe (~~mix~~ ^{produto} feita do cânhamo, a mesma que fornece maconha) é misturado com o tabaco comum de cigarro, depois de ser ligeiramente queimado para soltar-se melhor (separação dos grãos). Enrolado no papel de sêda, forma um cigarro de aproximadamente 5 cm de comprimento, com um filtro de papel na ponta a fim de permitir que possa ser queimado até o fim. Este cigarro de 5 cm é suficientemente potente para colocar em transe 3 pessoas. A proporção haxixe-fumo deve ser da ordem de 1 para 7.

5 minutos

Sensação de euforia e leveza. Alegria incontida. Você sente uma agitação interior bastante potente. Leve tremor e enfraquecimento

10 minutos

Pêso nas pálpebras. Sensação de dormência e tontura. Semelhante ao porre alcoólico. A cabeça começa a atingir proporções assustadoras, com imagens ligeiramente distorcidas para uma forma circular.

NOTA: os efeitos podem ter sido prejudicados pelo intenso nervosismo que me havia tomado. Nesta fase da experiência vieram a tona determinados bloqueios (de ordem moral) que me aumentaram consideravelmente o nervosismo.

15 minutos

A sensação de dormência está gigantesca, os nervos completamente relaxados e eu deito no chão. Sinto-me fisicamente à vontade, atemorizado com a Morte. Fecho os olhos porque perdi completamente o domínio do foco ocular. Não há possibilidade de concentrar-se numa imagem nítida (semelhante a sensação do sono). A concentra-

ção torna-se quase impossível. Começo a suar, mais de angústia que por calor. Não há qualquer sentido de iniciativa: se a casa pegasse fogo, eu preferiria morrer a ter que me levantar dali.

20 minutos

De olhos fechados, deitado no chão, estou consciente e no entanto perdi toda a orientação auditiva. Os sons se tornam mais fortes (hipersensibilidade) mas não há possibilidade de orientar-se por eles. Estou o tempo todo consciente linearmente do exterior, mas começam a se formar visões tentadoras, verdes, de jardins tropicais. Outras visões se formam, de formas completamente absurdas, cores intensamente vivas, estáticas. Desenhos constantes aparecem na minha frente, sem nenhuma lógica de composição. Posso no entanto separar perfeitamente a realidade exterior do sonho (delírios oníricos, tênueamente semelhantes ao estágio que precede o sono) mas com maior liberdade na visualização de imagens.) É um estágio agradável e que leva a uma despreocupação total.

23 minutos

Novamente a angústia de não conseguir sair do transe. Vera pergunta-me se é bom, eu respondo que não, mas unicamente por que sei que não posso sair na hora que quiser. Pergunto ao Mourão se há maneiras de contar o transe. Ao ter uma resposta afirmativa, relaxo mais. Estou até agora de olhos fechados, deitado no chão, completamente preguiçoso no que diz respeito a conversar. Falo apenas que tenho medo. Tento manter um controle de pensamento, mas é penosamente difícil.

28 minutos

Levanto-me do chão e vou até a cama. Aos poucos a sensação de dormência começa a dar lugar a uma euforia. Sinto a boca completamente seca, mas o peso nas pálpebras pode ser ligeiramente controlado, e o foco ocular também. Torna-se completamente impossível manter uma lógica entre as cenas que me aparecem diante dos olhos. A partir de agora começa o estágio que vai prolongar-se por muito tempo. Uma perca qua-

se total de lógica, uma confusão insolúvel do sonho e da realidade. É difícil descrever este estágio. Tenho a vaga consciência do momento presente, que aparece de frações em frações, misturado com visões "reais" de pensamento fluente. Posso voltar para o estado de espírito do passado. Começo a rir e a falar, leveza, bem-estar. Não penso mais na morte, os bloqueios morais desapareceram por completo. Bêca terrivelmente seca. Peço água e sinto o paladar terrivelmente apurado. A água tem gosto de cloro puro. A sensibilidade auditiva continua. Confundo-me entre a visão real e os "sonhos" que aparecem fragmentados. Rio, rio muito de uma piada passada, porque tenho perfeita disponibilidade de voltar para o instante em que foi contada a piada. Perco a noção do tempo presente, se bem que possa manter consciência do tempo real. Hipersensibilidade analítica. Estou com a testa constantemente franzida. Palavras durante o instante: "você pode controlar o tempo, volta ao passado, perde a dimensão do tempo, a sensação de relatividade do tempo é uma coisa impressionante. Posso manter o tempo no lugar. Estou com uma imensa vontade de falar. E pensar também, qualquer coisa que eu fizer agora será profunda e bacana". Este estágio é longo, muito longo. Não há desejo sexual, não há ação afrodisíaca. Me perco totalmente com meus pensamentos, é difícil manter uma ordem lógica entre as coisas. Para ligar um raciocínio tenho que fazer um esforço hercúleo. O que desejo ditar para Vera se perde nos constantes fragmentos do passado e do presente, das visões e da realidade, esqueço-me das coisas em frações de segundo, penso milhares de coisas (pensamento que se confunde com a realidade, ou melhor, desliga-se completamente dela) em frações de segundo.

50 minutos

Saimos para andar de carro. Certos condicionamentos (apagar luz, trancar porta) não desapareceram. Mas é impossível conversar (a não ser que se faça um esforço monumental) porque o pensamento está constantemente mudando de lugar. Cabe acrescentar que esta "mudança de Lugar"

se faz pela visão simultaneamente, em constantes delírios oníricos e semi-Conscientes devido às frações do momento presente que se intercalam com os sonhos. Você sabe aonde está porque de segundo em segundo, entremeado por milhares de pensamentos (visuais), aparece a cena do presente.

55 minutos

Estamos no carro. Perdi a vontade de conversar (não porque é difícil falar, como nos primeiros vinte minutos de transe, mas por ter entrado num estado profundamente meditativo). A velocidade do carro, aliada com a hipersensibilidade auditiva, dá uma idéia de velocidade muito maior que a real. Medito fragmentado, pulando de pensamento para pensamento sem a menor lógica. Não desejo conversar porque é difícil manter a concentração num só assunto. O tempo real, até então (minutos e horas) não perdi a consciência. Mas continuo por fora completamente do momento presente.

1 hora

Andando de carro, num profundo estado meditativo, desejo não sair mais do transe. Vem uma profunda compreensão daquilo que me cerca. Uma ~~nova~~ visão de mundo profundamente particular aparece diante de meus olhos. Todo mundo se distancia. Confundo a realidade presente com a realidade desejada. Assim, como estou andando de carro, ao invés de ver a cidade imagino uma estrada com todos os detalhes. Isto me leva a dizer coisas que só diria se estivesse sózinho. De vez em quando aparece a realidade (carro andando por ruas da cidade) e recolho-me a mim mesmo, mas são frações de segundos, e novamente meu mundo particular se desveilha. Não existem distúrbios interiores (físicos) e exteriormente só perceberá que estou em transe quem notar as pálpebras caídas, os olhos diminuídos. Tenho perfeito sentido de equilíbrio, mas não de lugar. Visão consciente da esquisófrênia.

1 hora e quinze minutos

Saio do carro para atravessar a rua, mas me perco nos meus pensamentos e de repente noto que estou no meio da rua, para logo em seguida me perder

novamente, despertando com a freiada de um carro em cima de mim. Chego no teatro, mas como não posso conversar com as pessoas sem me perder por longos momentos em divagações oníricas, ou então forçar desesperadamente o raciocínio, peço para voltar para o carro. Lá fico em estado passivo e meditativo. Vejo vagamente o que acontece a minha volta.

1 hora e vinte minutos

As visões continuam, fragmentadas. Nos raros momentos de lucidez racional (pois em lucidez sensitiva estou o tempo todo) constato estar vivendo sintomas semelhantes à esquizofrênia. Não há, até agora, nenhum sintoma físico desagradável.

1 hora e quarenta minutos

Sou tomado paulatinamente de pânico por não conseguir sair do estado. Entro num estado de nervosismo intenso. Vomito, não porque sentisse mal-estar, mas por nervosismo de sair do transe. Entro no teatro e faço força para me concentrar, mas cada minuto me parece uma eternidade. Perca total de consciência social, interiorização completa desde meia-hora do início da experiência. Capacidade nula de absorver o que está acontecendo. Apesar da fantasia solta, o senso de iniciativa é muito limitado, e não posso escrever. Fisicamente meio descontrolado, por excesso de relaxamento.

2 horas

A passagem do transe para o estado normal se faz imperceptivelmente. Não há ressaca (cansaço, sonolência, enjôo), mas apenas uma fome inusitada.

A experiência começou às 11,45. A maconha veio de São Paulo, e é conhecida como "Paradise", uma das mais fortes. Foi misturada com um pouco de tabaco, para não abusar na dose. Quero, antes de descrever a experiência, tecer algumas considerações a respeito das condições em que foi feita.

1 - Vera, que estava comigo, também tomou. Esta insegurança de que não existiria alguém para me controlar totalmente, motivou um certo receio e uma certa censura.

2 - Se bem que os efeitos em pessoas diferentes sejam diametralmente opostos, o hábito deve permitir um melhor encaminhamento destes. Meu efeito foi muito mais longe do que o da Vera, pelo menos nas dimensões psíquicas.

3 - Não entrou em jôgo nenhum estado de sugestionabilidade.

4 - As notas escritas após passado o efeito, por causa da sua importância no que se refere à abertura das portas da percepção, estão compiladas no final da experiência.

3 minutos

Acabamos o cigarro. Sensação de leveza, bem estar. Uma certa e curta catatonia inicial. Vera senta-se na cama, com os olhos maravilhados. Começo a tomar nota do que estou sentindo, mas não consigo ficar parado no lugar. Ando da frente para trás, numa sensação de porre total.

6 minutos

Repentinamente, percebo a consciência. Continuo a escrever por escrever, não percebo mais que estou fazendo apenas uma experiência. Não posso escrever coisas coordenadas ou de acordo com meu desejo: elas jorram incontrolavelmente. Começo a dançar de alegria, a música parece viva.

de outro planeta e possui uma dimensão desconhecida. Fico completamente "ligado" a ela. Estou vivendo numa outra dimensão, minha lógica abre suas portas e vivo dentro de sensações completamente diferentes do que vivi até então. Um leve mal-estar físico. Cada movimento é brusco e mal controlado, mas sinto como se estivesse bailando no espaço. Tenho vontade de rir, mas o riso é nervoso e descontrolado. Quando tento me concentrar para conversar com Vera, sinto trejeitos próprios da loucura. As emoções são diferentes e mais complexas do que cotidianamente, mas não posso precisar nada do que estou pensando.

"Leveza

tonteira

muito gostoso (a letra muda súbitamente, garranchos
indicando uma liberdade de movimentos)

está leve parece que se está num TOTAL PORRE ando da
frente para trás. Não me recorde de nada

Parece que a vida começou agora não tenho de dar
satisfações a ninguém.

Estou lindo !!!

Meus pés fazem AEIOU.

Total despreocupação

Alegria total.

Pouco de histeria também.

É muito bom!

Esqueci tudo. O mundo está patético.

Danço. A vista turva.

Se quisesse me soltar destruiria o mundo inteiro."

Continuo escrevendo sem ter consciência imediata. Percebo estar vivendo em várias dimensões ao mesmo tempo. O passado e o futuro não existem, tenho a perfeita consciência de ser outra pessoa completamente desligada daquela que antes habitava meu corpo. Tomo notas mas não posso compreender porque, elas não significam nada para mim. Sinto-me voando, conhecendo coisas que não conhecia antes.

10 minutos

O tempo passa com uma lentidão exagerada. Não me movi da cama continuo escrevendo. Fisicamente estou bem, com a mesma leve sensação de enjôo. A fase é terrivelmente criativa. Não pertence mais a este mundo e às possibilidades que tenho normalmente. Julgo-me outra pessoa, sem passado e sem futuro. Dada à capacidade de viver em várias dimensões ao mesmo tempo, posso falar normalmente (com uma certa tendência para repetir várias vezes o que digo). Estou conversando do Vera e me imagino saindo do meu corpo e voando pela janela (isto é perigoso, pois há uma facilidade terrível de confundir a realidade com o sonho e atirar-se da janela). Falo muito de amor, há um terrível medo da solidão (apesar da total consciência desta). O espírito que conversa com a carne. O espírito distante e solto, dentro de uma dimensão mil vezes mais completa, porém completamente distanciada da vida real, bastante alientante. Sou outro homem, não pertence ao mundo dos simples mortais, possui uma totalidade muito maior, a mente é a coisa mais importante do meu ser, estou pairando acima de todos os homens.

" Lá fora está uma manhã de sol (esta sensação é quase real).

Se eu pudesse ou quisesse poderia voltar ao consciente (faço força, mas quando dou comigo mesmo me encaro como outra pessoa que só conheço distante).

Isto é uma tranquilidade.

Estou no mundo da lua.

Tenho um pouco de medo

Poderia ser esta a sensação da morte (consciência total das coisas).

Estou numa outra dimensão. Posso sonhar. Não sinto medo. Não sinto a mão (escrevo como se fôsse outra pessoa escrevendo)

A música está tão gostosa! Se eu quisesse poderia me entregar.

Posso manter de certa forma a consciência, mas estou noutra.

Eu estou noutra.

Se quisesse, bem que poderia estar numa manhã de sol.

Se quisesse me entregar, poderia matar alguém.

Muito medo.

(Vera) pode começar a ficar violenta (into mostra os relances de consciência).

Não vou mais tomar nota por enquanto (consciência)

Vou me entregar um pouco.

Acho que poderia me salvar (as palavras começam, a partir deste instante, a tomar uma total liberdade de expressão. Convivo com elas numa outra dimensão, são mais fortes e mais produtivas)

Quero as cenas pontuadas antes (isto é, quero voltar ao que estava pensando)

Me como um pouco ao pensar nisto (o efeito da maconha provoca uma ditocomia constantes, o patético e dramático com o alegre)

Incoerente mais não sei imaginar o que vai acontecer quando eu voltar (não sei como serei depois do efeito)

A salvação está na consciência (i.e., se continuar pensando, poderei voltar.

Acho que não vou achar novas linhas de pensamento (não poderei mais raciocinar linearmente).

Acho que isto vai servir de violência quando eu ficar louco (não entendi)

Não perdi a coordenação de meus movimentos.

Não sei se estas palavras levam para a língua lá fora (não sei se vou entender depois o que estou escrevendo agora).

Não tenho certeza de escrever as palavras.

Não sei se me revelo numa língua coerente ou não junto a outras lá fora (não sei se entenderei depois, não sei se estou escrevendo realmente algo)

Outra dimensão.

Acho que fiquei louco

Não tenho coragem de experimentar o LSD

E você ? (tentativa de me comunicar com Vera, que estava lendo enquanto eu escrevia. Cada vez que ela dizia que eu não iria entender, ~~me~~ eu começava a rir de maneira histérica e descontrolada.)

E se eu pudesse escolher o mundo como estou escolhendo agora...Seria diferente...muito melhor...

15 minutos

Insistentemente pergunto à Vera se me ama. Mêdo terrível de ficar sózinho. Desço da cama para o chão sem dificuldade, e começo a "tocar" violão. Ao som das cordas, digo uma longa poesia a respeito da minha missão do mundo, me encorajo para continuar lutando, porque de repente compreendi tudo (a falta de um gravador prejudicou muito esta parte). Tudo nasce em mim com uma espontaneidade e desinibição assustadoras. Percebo em minha mente potencialidades que jamais havia notado antes. Tenho mêdo, um terrível mêdo de me jogar pela janela, pois tenho constantes visões de estar flutuando pelo espaço, e cada vez que ando, pareço estar boiando. Isto me assusta um pouco, agarro-me ao chão com tenacidade. A boca está muito sêca, uma sêde terrível (Vera sente a mesma coisa).

Meus olhos estão fixos e estou completamente integrado no que vejo ou falo. Sinto vontade de tomar notas, mas raciocino de maneira estranha ao pensar nisto: "mais tarde, quando outra pessoa possuir meu corpo, ela vai entender o que estou escrevendo, com sua lógica simplória e imbecil". Não posso precisar nada do que estou falando ou escrevendo, mas tudo sai profundamente de mim, com um novo poder e visão. Desinibição total.

20 m

Volto para cama e mantenho uma conversa com Vera a respeito de amor. É profundamente verdadeira, mas tudo o que digo se relaciona com outra dimensão, a que estou acostumado a viver, e que me parece estranha agora. As coisas ganharam outro valor completamente diverso. Só existe uma pessoa importante e forte que sou eu mesmo. A consciência de que Vera está também em transe me dá uma liberdade total de ação, mas um terrível medo de minhas atitudes.

30 minutos

O medo de voar pela janela é tão grande que saio da minha cama para o chão, no fim do quarto, bem afastado da janela. Todas as sensações, físicas e psíquicas, estão noutra esfera. Falo facilmente e sem desinibição tudo o que penso. Meu corpo não exige conforto, e posso ficar deitado no chão sem mover-me.

1 hora

Olho o relógio e não entendo porque estou tentando gravar tudo. Para mim tudo isto não passa de um negócio eterno, do qual não quero nem posso sair. Sou incapaz de entender a lógica da pessoa que mais tarde irá relatar a experiência. Sou outro EU, mais completo, diferente (e analisado hoje, mais alienado de tudo).

1 hora e 10 minutos

Falo muito de amor porque tenho medo de meus atos. O raciocínio e a visão das coisas estão profundamente lúcidos, mas dentro de outra lógica.

"...se eu pudesse conhecer as coisas como as estou conhecendo agora..."

Pergunto a Vera se é possível pisar num palco. Ela diz que não, eu confirmo. Falo ritmado, tento manter lógica na conversa, mas não é a coisa mais importante.

1 hora e 15 minutos

De repente, uma terrível vontade de sair do transe. A coragem gigantesca que me possui leva-me a tomar banho frio. Não sinto o frio. Os movimentos pertencem a um mundo completamente diferente daquele que estou experimentando agora. Tudo ganha importância, tirar ou vestir a roupa, importância esta pela total "ligação" com aquilo que faço. Tudo o que faço é fácil demais, descontando a sensação de enjôo que me acompanha durante toda a experiência. Volto para a cama e o transe não passou. Peço a Vera para dormir, tenho um sonho pesado e sem sonhos. Tenho um terrível medo de fazer alguma coisa de errado enquanto durmo. Antes peço para ela tomar nota de algumas palavras:

"Você está falando com seu espírito. Sensação de tontura total. Eu estou numa outra dimensão. Falo com meus próprios espíritos. Quando chegar lá fora, eu vou ter a consciência de um mortal.

"Banho frio não afetou em nada." Criatividade total. Eu te amo muito. Vera me disse que sente a sensação de estica a pele no rosto. Quando eu tiver a consciência de mortal vou poder dar ordem a estas palavras. Estou perdendo a consciência por sono. Antes estava com medo de perder só a consciência, e fazer uma besteira. Vontade de falar sobre tudo. Verinha, você sabe quem é a pessoa que ~~que~~ mais amo? Sensação de sonho existido. Gosto ruim

na boca. Outra dimensão psíquica. E como palavras finais, eu assinalo que gostaria de continuar neste caminho (efeito da maconha).

E quando voltar, sinta-se em você, humano, expiado por nós."

3 horas

Acordo e já estou consciênte das coisas, mas a compreensão de tudo me deprime terrivelmente. Entendo que vivo num mundo inferior ao que me foi mostrado pela maconha, que estou muito aquém das minhas possibilidades reais. Saímos para comer alguma coisa, não tenho fome, estou meio depressivo, meditativo, compreensivo, deslumbrado (este estado iria se prolongar por todo o dia seguinte, dado à súbita abertura das portas da percepção). Torno a ditar alguma coisa para Vera, tentando fazer um relatório, mas mantendo na linguagem e na interpretação, o mesmo sentido místico que mantive durante toda a experiência (os parênteses também foram ditados):

"Aos primeiros cinco minutos, uma sensação de leveza e euforia súbitamente pulada para o descontrôle total do pensamento e da ação. Momento de coragem (é perfeitamente + fácil qualquer ato anti-social). Uma agressividade, uma perda de lucidez, a partir daí você penetra num mundo completamente diferente, com sensações psíquicas constituindo quase toda a realidade. Uma dimensão nova de pensamento, onde as palavras parecem estranhas e inúteis. Desinibição absoluta, tendência de desbeclacar certas atitudes (voz cafona ao falar de amor). Medo dos próprios atos, que podem chegar a extremos por distorção da realidade (confusão entre a realidade e o sonho). Sensações bastante paradoxais psíquicamente. Tive medo de me jogar. Concebia tudo em figuras com

côres vivas e fixas. O pensamento girava como um rôlo de impressão. Medo de ficar só, mas absoluta consciência da própria solidão. O tempo não é importante, mas meio descontraído de acôrdo com a situação emocional. Vou me deitar num canto da sala. O corpo já não é escravo do conforto. Falo como se fôsse outra pessoa falando, sinto que saí de mim e estou agindo à distância. Imagino muito meu rosto durante êste período. Esta nova dimensão de pensamento é terrivelmente fascinante e completamente diferente de tudo que já passei até hoje. Não posso imaginar como é que se vive lá fora(mais tarde, ainda sobre o efeito, serei levado a considerar a pessoa que vai existir depois de passado o transe como um ser inferior a mim, com um raciocínio lógico mas limitado, e primário). Me sinto superior a tudo, com mais sensibilidade e mais recursos de imaginação. Olho o relógio e já se passou uma hora, eu senti o tempo das mais diversas maneiras possíveis(como nunca antes havia sentido) Entendo que na minha vida real minhas condições estão muito aquém de minhas possibilidades psíquicas. Falo: "se pudesse compreender as coisas como as estou compreendendo agora..." As minhas palavras ganham uma liberdade muito maior de expressão e criação que na vida cotidiana. Para coordenar uma ação (tomar banho) sou obrigado a um esforço inaudito. Não sinto frio, não sinto o local, mas tenho a consciência do que estou fazendo, paralela ao meu novo me abolismo psíquico; é outra existência completamente diferente. Parece que tenho uma camada de gelatina em cima dos olhos, desde o início da experiência. Os 5 sentidos estão dentro de uma dimensão nova, o passado e o futuro perdem completamente a importância. Parece que nasci agora. É uma atitude pacífica de contemplação, mas não se pode controlar o raciocínio, e se analisar as coisas dentro de uma lógica completamente diferente e estranha. Poderia escrever muita poesia. Penso em poesia. Acho impossível pisar num palco, dentro das atuais condições. O banho não surtiu efeito algum. Tenho medo de dormir mas caio num sono profundo e desligado da realidade. Acordo e já se passaram cinco horas. Tenho desejo e não tenho fome. Não raciocino com muita facilidade

de, e minha imaginação flui. O corpo está terrivelmente adormaci-
do (perca do senso de iniciativa, sensação semelhante ao acordar
com sono)."

OBSERVAÇÃO: A descrição de experiência observou um caráter de mero relato de sensações, sem analisar científica ou socialmente o fato. As sensações se resumem às sentidas durante à experiência, e não agora, quando estou escrevendo o fato.

O DIA SEGUINTE

Seguem-se agora as anotações feitas durante o dia que se seguiu à experiência. Em determinadas horas eu voltava, súbitamente deslumbrado com as portas abertas, a um estado de comunicação muito bom. Sentia-me também sem entender direito tudo q que desejava. A vida tornara-se mais complexa do que antes. Vai mesclado de tentativas de analisar friamente o fato, mas sempre tomando uma posição momentânea.

-----X-----
Já estou consciente de tudo, mas meu pensamento ainda vagar pelas regiões recém-descobertas, e marca profundamente cada passo. Posso entender a fuga de quem toma, o que não é uma fuga propriamente dita, mas uma existência em outra dimensão, mais completa, mais pura, mais total. Um outro ser havia-se relevado, e em muitas pessoas êste outro ser pode ser mais satisfatório que aquele que cotidianamente escova os dentes e come. Estou escrevendo estas palavras no outro dia, já completamente fora do transe, mas o entendimento que me foi súbitamente despertado não sumiu por completo, há de ficar marcado em mim muito tempo. Mas basta um esforço de pensamento e penetrarei neste mundo, pois agora o conheço e sei que existe em mim.

As fragmentações experimentadas durante a experiência do haxixe ganham na maconha um efeito mais profundo e mais total, como se tivesse uma consciência maior do que normalmente. A existência é outra e dentro de outra concepção de vida. A maconha dá possibilidade de existências "paralelas" e bastante interiorizadas. Tudo perde a importância. É alienante durante o efeito, mas trás à tona, passado o momento, as grandes possibilidades do inconsciente e do raciocínio. Hoje, já passado um dia do experimento, posso quando quiser voltar (não no mesmo ponto nem com a mesma intensidade, mas dentro da mesma visão) a mesma lógica de raciocínio que experimentei durante o transe, com um encadeamento diferente. Minhas faculdades sensoriais e analíticas estão consideravelmente despertadas. Posso filosofar com mais facilidade, e encontrei uma linguagem mais fácil, mais atingindo a sensibilidade dos outros. Estou com uma disposição melhor e nada inseguro. Acredito que, tomado constantemente, possa levar o indivíduo a viver num mundo completamente diferente do real, e tornando-o inútil. Se bem que este conceito de inutilidade esteja ligado a toda uma vivência já experimentada anteriormente, aonde me convenci que é preciso fazer para ganhar-se um nível superior de existência (sensação passageira da maconha) e transcendência através de uma luta dentro do mundo. Acredito porém que as pessoas que não possuíam esta visão anterior de vida, e entrando no transe da maconha, encontraram a superioridade psíquica e (possivelmente) física, possuindo características de fácil penetração do hábito (vício). Quero assinalar que as sensações passadas mantêm uma ligação com a vivência do indivíduo, pelo menos no que concerne ao instinto. Os gestos tornam-se profundamente instintivos, entendendo-se por isto que estão dentro de uma liberdade total de expressão, sem levar-se em conta as normas sociais. Portanto, uma das características que convém acrescentar é que o indivíduo que toma maconha sempre mantém uma atitude revoltada diante da sociedade. E como isto é um caso

quase geral (inconscientemente ou não) entende-se a proibição do vício. O efeito em mim foi muito intelectual, mas como levo em consideração que isto depende exclusivamente da vivência da pessoa (portanto é necessário pesquisar o efeito em outras pessoas de cultura nula ou Q.I. menor), acredito que deve possuir efeitos físicos. Todo o efeito leva a uma reação contra aquilo que se faz sem desejo. Talvez uma sociedade como esta, sem nenhuma modificação, permitisse que num dia determinado todos fumassem maconha, estaria completamente desintegrada do momento seguinte. Mas como a maconha nada mais faz além de aproximar o homem de um lado qualitativamente transcendental e superior (totalidade), o que está errado é a sociedade e não o homem. Numa sociedade ideal para as verdadeiras necessidades do indivíduo, isto não aconteceria, e o homem estaria numa posição mental infinitamente superior à que está atualmente. Mas acho que a maconha abre no indivíduo desta atual sociedade uma perspectiva futura de dar a todos esta condição mental superior, e evoluir mais rápido (frise-se que estou analisando o efeito pelo que fez em mim) artisticamente, dando condições de criação e libertação dos padrões. A palavra é usada com mais liberdade do que comumente e as portas da percepção ficarão abertas. Lucidez total, criatividade.

Percebo minha vida fragmentada. Consciência total do momento. Posso entender tudo melhor. Há que se realmente lutar por algo, para

-----X-----

Já posso ver tudo e tenho medo de ficar assim. Ela me ensinou muita coisa, a vida está diferente, mais clara, como se estivesse vendo um filme sobre mim mesmo. A cultura parece que morreu, vivo apenas no espírito, sentindo minhas intuições, compreendendo a dos outros. Ray toca na vitrola, posso

penetrar dentro de suas palavras, mas o futuro me apavora, a vida tão simples e elementar me apavora, já não há mais nada que possa me sensibilizar. Sim, eu pude compreender tudo e foi um choque, uma revelação para a qual eu ainda não estava preparado, tenho medo da loucura, um terrível medo da loucura inválida. As coisas surgem diante de mim, a rotina da vida em todos os seus detalhes, agora que penetre no mundo encantado que me assusta tanto quanto êste em que vivo.

Já faz quase um dia que experimentei a droga, mas o efeito esclarecedor que ela produziu ainda não desapareceu de mim. Tôdas as emoções que vivi até hoje me parecem pequenas. Tudo o que vou existir ainda perdeu sua importância fundamental. Penso mais rápido que escrevo. Perdeu sua importância fundamental porque sei que o homem não poderá existir como eu existi durante o transe, quando a totalidade me foi revelada, e quando tudo passou só ficou a simplificação elementar das coisas, mostrando que nada se aproveita, a sociedade tolhe qualquer movimento em busca do infinito, eu mesmo daqui a dois dias tornarei a me enquadrar na minha natural marginalização, apesar dêste medo agora a loucura, apesar da desagradável sensação física que ainda me possui em determinados instantes, e a vida enquadrada talvez seja melhor, bem melhor. Usei minha sensibilidade além dos limites que me eram permitidos. A compreensão das coisas se tornou uma muralha para qualquer iniciativa. Sei que vou vencer, sei que vou penetrar novamente no mundo dos mortais, sei que vou ter ódio a "viagens", mas será por defesa, porque tudo que desejei durante tôda a minha vida foi produzir dentro de um enquadramento - mesmo marginal - mas agora sinto tudo, sinto a música de Ray Charles que me fala de ontem, ela entra por minhas orelhas e mexe um pouco naquilo que já estava quase adormecendo, mas sei agora, por livre gesto da minha vontade, posso penetrar neste mundo que me leva a escrever estas linhas. Quando aprender a domina-lo e não teme-lo, êle será muito produtivo dentro do meu natural enquadramento. Mas por enquanto ainda estou próximo à Porta, sentindo seus efeitos assustadores, anebriantes

do desconhecido, olhando friamente para as contradições de minha existência, notando a mulher que penso amar e que está de longe me olhando com um respeito mais ou menos forçado pela minha condição de Deus, onisciente e sabedor de tôdas as ~~minhas~~ coisas com um simples gesto de minha vontade. Pena que a vida não se desenrola nos limites atingidos durante a Grande Penetração, mas seria impossível viver dentro desta máquina contra a qual luto, mas que prezo, em transforma-la e não destruí-la. Vejo quão enquadrado sou. As portas foram abertas e posso penetrar quando quiser. Isto é bom.

Sim, tudo o que vejo agora se mostra dentro de uma perspectiva completamente diferente, já não entendo bem a linguagem de meus antepassados, mas sei o que queriam dizer. Percebo seus instintos, vejo a guerra como nascida junto com a fome e a vontade de fazer amor. Algo novo se abriu, um mundo extensivamente sensual e sensorial, as palavras penetram no fundo de minha alma junto com a tranquila força de que algo está para se consumir. A vida é limitada demais. As coisas são tocáveis e existem realmente, independentemente de nossa vontade. Estou profundamente romântico e sincero, mas me domino de acordo com os interesses. Não consigo mentir por mais tempo. Entendo a tranquilidade da vida cotidiana, mas não posso participar dela, estou num mundo distante, consigo novamente enquadrar minhas palavras, mas isto é mau, não domino muito meus sentimentos. As intenções são diversas e a vida na sociedade industrial e humana está difícil de ser suportada. Os limites normais se acentuaram muito e me agridem com a falta de outras perspectivas perpétuas. E no entanto, repito, sei que vou novamente me enquadrar mas não devo procurar não temer o despertar destes estados, que agora estão me possuindo. Existe outra dimensão acima do que estou vivendo, mas é desconhecida demais, apavora. Está tudo divino dentro do Medo que sinto, posso penetrar mais, mas não quero, poderia não sair. É lento e pode estar regredindo. Ou me possuirá amanhã, sem me largar mais. Tenho força de vontade para evitar. Aceito as coisas

rotineiras, mas com um gosto amargo na garganta. Este desvio provisório que penetrou no meu caminho, a loucura que me contorcia as mãos quando tentava manter algo de coerente, o olhar alucinado e a vibração que me possuía, uma certeza mórbida de nunca mais voltar... Ela estava diante de mim e eu me esforçava para falar, mas não gostava, as coisas eram pequenas demais ou terrivelmente incoerentes, jamais justificava qualquer esforço. Eu vibrava e me desintegrava, mas tinha de falar, e no fundo era uma sensação gostosa aquela loucura, aquele ódio contido, e ainda agora bailo pelas contorções mas sei que em volta de mim, material, existe um mundo real no qual terei de viver o resto de meus dias, a sensação se dilui, já é Monny Rivers que canta e fico mais tranquilo, torno a penetrar na vida cotidiana sabendo que poderei despertar a hora que quiser, mas sempre escondido e solitário, dentro de mim mesmo, porque a compreensão da humanidade ainda não ultrapassou o Prólogo. Recordo-me da língua que falei e acho-a bela, bela demais para que possa compreendê-la agora. Vou parar conscientemente, mas percebo que agora entrei na categoria dos Visionários, vai ser muito mais difícil enquadrar-me, mas ainda existe minha vaidade e meu senso de autoconservação, se bem que tudo tenha ficado terrivelmente diluído e sem importância. A vida se desenrola em esperanças mais altas que meus pés, aonde poderei penetrar no instante que quiser, e sair sempre com um sentimento de saudade. Mas a vida lá em cima é muito solitária, só este argumento é que é capaz de me trazer para baixo...

-----X-----

Estou perfeitamente consciente de que nunca estive tão próximo da loucura, como estou agora, impulsivo e incapaz.

-----X-----

Agora entendo porque os viciados possuem um papel marginal e sem qualquer sentido de iniciativa. O efeito da maconha descortina sensações completamente diferentes da realidade existen-

cial. O súbito super-funcionamento da mente, da imaginação, mostra um mundo cômodo, do qual se pode penetrar sem qualquer esforço, e o qual não precisa ser dividido com ninguém. O vício é uma busca da individualidade perdida no dia-a-dia da máquina, entre outras razões.

"Bôca-de-fumo" é o local aonde o viciado compra a mercadoria. Estão espalhadas por tôda a cidade, e contam com a proteção de policiais corruptos. O material é vendido da seguinte forma: "apertado" - cigarro já pronto, NCr\$ 1,50 ; "dólar" - pacote que dá para 3 cigarros, Ncr\$ 5,00 "mutuca" - quantidade maior de maconha que corresponde a 3 ou 5 "dólar" Ncr\$ 20,00. O comércio é feito pelo atravessador, que não fica com o fumo consigo, para evitar o que chamam de "flaglante". Recebe o dinheiro, vai buscar a mercadoria e a entrega. Funciona, geralmente de 8 à 1/2 noite. O "atravessador" fica na calçada, distan e do local aonde está guardada a mercadoria. O atravessador é o que ganha menos com a venda, cujo maior lucro vai para o fornecedor.

A bôca-de-fumo que fomos fica na Rua General Severiano, atrás do campo do Botafogo. O atravessador fica num bar, cercado de gente que "aparentemente" não está fazendo nada, mas são os olheiros que avisam qualquer aproximação da policia. O local é frequentado pelo proletariado negro. Entrei no bar com o Geraldo. O atravessador, Ronaldo (ex-chofer de táxi que resolveu abandonar a profissão para vender maconha), cumprimentou-o efusivamente. Geraldo pediu uma cerveja, e se mais delongas, Ronaldo falou:

- Está precisando de fumo? (voz baixa)

Geraldo- Quero fumo. Para o meu amigo.

RONALDO - Está certo, Eu vou pegar.

GERALDO - Você teria em grande quantidade?

RONALDO - Podemos arranjar. Estou aqui com um pózinho bom (abre um envolvero e coloca nos copos de cerveja meu, Geraldo, e dêle mesmo. Ou a quantidade foi muito pequena e não senti efeito nenhum, ou aquilo era apenas aspirina com a qual Ronaldo queria ser gentil) Não faz efeito forte, é o mesmo da bolinha. Guenta aqui que vou pegar o fumo.

Ronaldo saiu, conversou com um sujeito, e entrou na vila.

Esperamos uns cinco minutos, quando êle voltou e chamou Geraldo para o lado de fora.

RONALDO - O cara tem uma mutuca (grande quantidade) e não interessa vender em pouca quantidade porque não dá lucro.

GERALDO - (que não estava querendo comprar, mas apenas me mostrar uma bôca) Nós queremos pouca quantidade.

RONALDO - Pouca quantidade só por 7 contos o dólar.

GERALDO - Vou consultar meu amigo (entra no botequim).

RONALDO - (para mim) Olha, esta maconha não é minha. O rapaz que vai vendê-la está meio "tocado" e só quer vender por 7 mil o dólar.

Conversei com Geraldo, explicamos que não queríamos assim, e saímos sem comprar a maconha. A transação é fácil, sem grandes mistérios.

COMENTÁRIO SINTÉTICO A RESPEITO DAS"PORTAS DA PERCEPÇÃO", de Aldous Huxley

1. A experiência com a mescalina, com efeitos paralelos semelhantes à experiência com haixe, feita anteriormente por mim.
2. Há maior vivacidade nas cores, que ficam mais vivas e emitem uma vibração magnetizantes (como o fogo).
3. O autor defende o uso como se necessário para o reavivamento interior do homem, através das experiências visionárias que tal droga pode proporcionar.
4. O efeito é causado por causa da redução da taxa de açúcar necessária à alimentação do cérebro, que reduz a potência da "válvula reductora" (mecanismo de absorção que seleciona apenas para memorização ou percepção do cérebro as informações que podem ser úteis na vida padronizada e cotidiana, eliminando outras dimensões).
5. Huxley fala dos visionários e suas obras, coisa que não posso afirmar estarem absolutamente corretas. Tenta apresentar certos artistas como se tivessem propositadamente usado o jogo de cores (tão presente no efeito da mescalina), mas eu considero accidental. Principalmente na pintura, onde acho que se visou mais um sentido estético que uma disposição visionária das coisas, capaz de causar, por sua vez, visões a quem as contempla. Devido porém, ao meu nulo contacto com êstes pintores, não posso afirmar nada.
6. Na segunda parte do volume, "Céu e Inferno", Huxley pretende demonstrar que certas preocupações da humanidade (jóias, desenhos, etc) tiveram como causa fundamental a luz própria (visão) que podiam apresentar. Discordo da radicalização de Huxley.
7. Também apresenta o espetáculo tratreal como uma propensão a estas visões. Se bem que seja uma afirmativa completamente falsa (nunca houve preocupações dêste nível), vejo inteira possibilidade de usar isto no futuro.

7. Os sintomas esquizofrênicos são realmente muito parecidos com os efeitos de determinados tóxicos.

8. Há influência da alimentação na percepção, visto que qualquer deficiência pode reduzir a atividade redutora do cérebro, sendo que através do jejum ou da flagelação, isto se torna mais penoso e mais perigoso.

COMETÁRIOS

Socialmente, Huxley coloca ~~um~~ o problema de uma forma muito ~~brah-~~ da, não apresentando o que está acontecendo, mas o que deveria acontecer. O estímulo é analisado apenas como uma experiência visionária necessária para uma total compreensão da Onisciência, mas nunca abordado como uma forma de fuga ou uma necessidade de prescrutar a terceira dimensão (ou melhor, a quarta), ou ainda, como uma manifestação de impotência, ou revolta. A influência artística, que, segundo Huxley, pode atuar da mesma maneira que a mescalina ou o LSD, tem fundamentos válidos, mas se baseiam em fatos, ~~sem~~ não ~~s~~ utópicos, pelo menos dedicados a pessoas que possuem extrema sensibilidade, o que ~~s~~ignifica, uma minoria. Falta uma análise da questão social.

"OS VICIADOS"

vários autores

Básicamente, um cometário a respeito de dois tipos de entorpecentes: a heroína e a "bolinha", com passagens leves pela maconha. O livro documenta fartamente todos os efeitos da primeira droga, dando boa indicação documental desde como foi estraiada até os sofrimentos necessários para a libertação da mesma. A heroína é - ao contrario de outros estupefacientes - um vício físico, tornando-se necessária ao organismo .

A problemática social é ligeiramente apresentada, a não ser em duas histórias, levando-se mais em consideração o efeito moral do problema. O livro apresenta os fatos dentro dos conceitos tradicionais (mocinho-bandido) , deixando portanto como parte aproveitável apenas a intensa dramaticidade (que dá margem a adaptações teatrais) e o importante material documentário que traz em si.

Para consultas a respeito:

1. Heroína: obtenção - efeitos - vício - problemas sociais decorrentes - tráfico - decadência moral - largada do vício - administração - problemas sociais causadores.
2. Bolinha: obtenção - efeitos - documentário real a respeito - tráfico - agressividade - problemas morais causadores e decorrentes.
3. O efeito dos entorpecentes no quadro normal da sociedade ou a destruição válida dos valores através da destruição do indivíduo.

A apresentação do problema de visão, com muitos textos escritos, sob o efeito do LSD, dando margem a uma linguagem completamente anticonvencional (só quem já teve uma certa aproximação deste tipo de mundo pode de certa forma compreendê-la). Segundo os autores, o LSD permite um contacto sólido e justo com outra dimensão. Apresenta-se sua proibição como o fato de servir de arma para guerra química, e tenta libera-lo usando os seguintes argumentos: o homem deve ter o direito de dispor de si mesmo física e psíquicamente. O livro dá uma visão mais puxada para o lado da liberação da droga. Maiores detalhes sublinhados no mesmo.

Histórico (Oswald Moraes de Andrade)

O homem, em busca de prazeres estranhos, mergulha nas mais diversas formas de vícios que podem dar lenitivo à dor.

O hábito do vício veio da tentativa primitiva de comunicação com as divindades através de sonhos ou estados de êxtase.

A palavra haxixe deu como derivado agassino porque em 1190 um consulto fundava uma Sociedade Secreta que resolvia seus casos com assassinato, mas antes dava a seus membros promessas, entre as quais o produto do cânhamo. Impossível provar que era isto que os levava ao assassinato, e não o fato de serem recompensados com dinheiro, mulheres e música.

A Inglaterra moveu uma Guerra de Ópio, para forçar a China a comprar o mesmo, depois que o imperador Lin resolveu afundar um navio com tal carregamento.

Na I Guerra foi usado os derivados do ópio para ativar os soldados.

Na II Guerra, psicoestimulantes.

A Bolívia é o maior produtor de coca. O Oriente, de ópio.

Congressos do ópio: Xangai, 1909 - Não se chegou a nada.

Genebra, 1912 - Normas para importação e exportação de matéria prima; diminuição governamental de plantio.

Genebra, 1925 - Antagonismo comercial: Inglat. e os países produtores, defendendo. 25% dos estupefacientes só eram consumidos lícitamente. EUA propõem a restrição (talvez se fôsem os produtores, hoje em dia o vício seria livre). Inglaterra, França e outras nações, com exceção da China e Japão, não aceitam. Foi criada a Comissão do Ópio, para fiscalização.

Na China a repressão é violenta. Os reincidentes são passíveis de prisão na 1ª vez, prisão longa na 2ª e pena de morte na 3ª.

DEFINIÇÃO

Toxicomania é um estado de intoxicação periódica ou crônica, nociva ao indivíduo e à sociedade, engendrado pelo consumo repetido de uma droga. Características:

- 1) Iresistível desejo.
- 2) Tendência de aumentar a dose.
- 3) Dependência psico-física.

Há drogas que não criam hábitos. (Comitê Peritos do Ópio)

droga toxicomanógena: "age eletivamente sobre a cortiça cerebral; é susceptível de promover agradável embriaguez, podendo ser tomada em doses crescentes sem determinar envenenamento ou morte, mas capazes de provocar estado de necessidade tóxica, perturbações graves e perigosas por abstinência, alterações somáticas e psíquicas profundas e progressivas" (Di Mattei)

O viciado se prende geralmente a mais de um tóxico. (politoxicomania)

Existem 200 milhões de maconheiros em todo o Universo (Wolff)

A Sensação de bem estar da heroína é acompanhada de hipersensibilidade psíquica e hiperfacilidade na associação de idéias (Porak)

CRISE DE ABSTINÊNCIA

Só possível nos opiáceos. Ver livro "Os Viciados".

Os outros vícios não são vícios, possuem uma certa dependência psíquica, mas que não chegam a afetar orgânica ou socialmente quando em abstinência.

MESCALINA E DROGAS PERMITIDAS

Livro de Huxley.

O efeito da droga é aumentar a sensibilidade extraordinariamente.

Há o desejo de reviver as sensações de poder, clarividência e êxtase que a droga proporciona.

A qualidade

dos sonhos experimentados pelos que usam mescalina ou LSD varia conforme a inteligência de cada um, sua sensibilidade e seu nível intelectual.

A MITOLOGIA DA MACONHA

A maconha não é um tóxico, e seu uso pode não ser nocivo à sociedade. Não tem ação criminógena potencial.

Em diversos exames feitos sobre marginais que estavam na "onda", se provou que não era necessariamente a maconha que os levava a cometer crimes, mas outros impulsos psicológicos.

Ninguém pretende escapar: mas participar de uma nova experiência, a exploração de um mundo novo, um mundo vedado às gerações passadas (Tereza Cesário Alvim)

As escolas americanas desistiram de expulsar os alunos dados à uso de drogas, pois chegaram à conclusão que os dispositivos legais em pouco atenuam o problema. Eles (os estudantes) acham um direito decorrente de sua educação liberal.

(ver texto sobre a Fera da Penha pg. 66/67)

QUEM, QUANDO E QUANTO TOMA

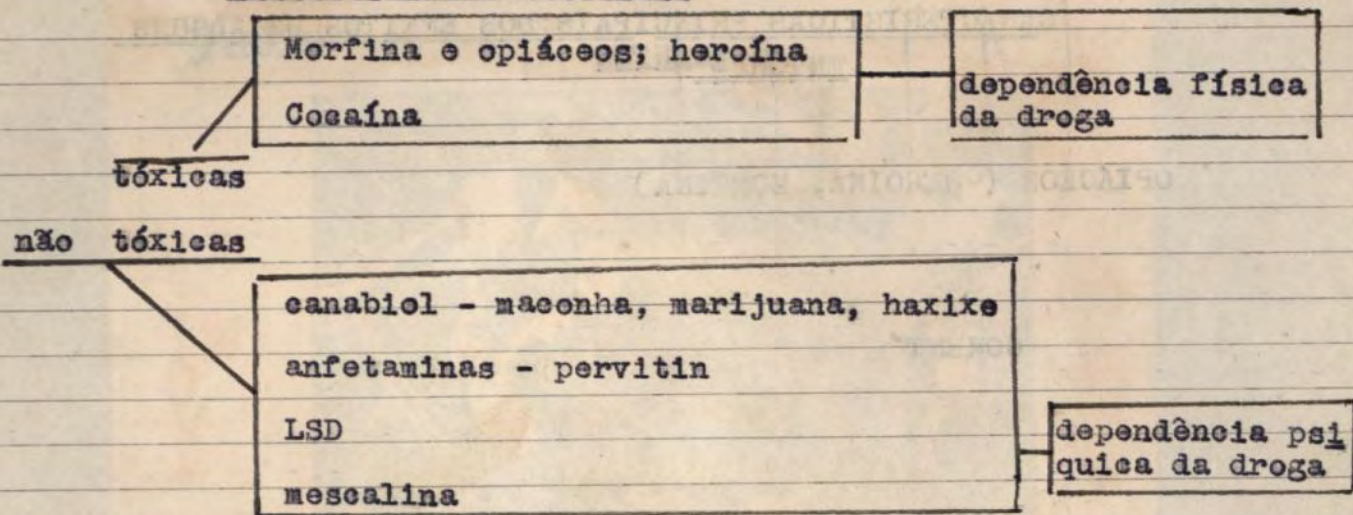
- Drogas mais consumidas: maconha, bolinhas e barbitúricos por serem de aquisição mais fácil. Segue o ópio e a cocaína.
- A maconha é a droga mais consumida no mundo, por seu fácil cultivo. Maiores exportadores: Birmânia, Líbano, México e Africa do Norte.
- Composição do haxixe: cannabis (planta da maconha), pistache, canela, nós de moscada, pimenta, açúcar.
- Maiores plantações de maconha no Brasil: Alagoas E Maranhão. Em Alagoas há um sindicato controlando.
- A introdução da maconha no Brasil foi feita por escravos negros.
- A início usada apenas por marginais, devido à facilidade de adquiri-la, a maconha substituiu cocaína e derivados do ópio
- A plantação da maconha é disfarçada entre outras plantações.
- Rede entre cultivo e consumo: atracadores - contacto com a freguesia ; bafoseiros - Distribuem para os atracadores ; maloqueiros -

são os industriais da erva.

- tipos de maconha: maconha melada - com mel para evitar a deteriorização; come-e-dorme - péssima qualidade, misturada com alfafa e produzindo efeitos estomacais ; manga-rosa - a mais pura.
- Segundo Oswald Moraes de Andrade, a maconha causa menos mal ao organismo que o álcool. Não vicia mais que o fumo. É porém excitante, conduz a distorções perceptivas, confusão mental, sono-lência, irritabilidade e depressão. Uso continuado depaupera o organismo. Nas primeiras baforadas, músculos da face contraídos e olhos vermelhos. Embriaguez em seguida, com delírio agradável que se transforma em agitação (?), tomando diversas formas conforme o temperamento do indivíduo. Uns ficam prostrados, outros se agitam, cantam, se suicidam. Ardor na laringe, gosto amargo, vertigem e tonteira. Desordem circulatória, saliva espessa. Pressão: de 94/73 para 73/48, aproximadamente. Pulsação cai. Movimentos respiratórios reduzidos.

(Ver, no resto do livro, o resto dos assuntos.)

CLASSIFICAÇÃO DAS DROGAS



PROCESSO DE INTRODUÇÃO AO VÍCIO

- 1 - Período de iniciação ou euforia (lua de mel) - O indivíduo tem seu primeiro contato com o material
- 2 - Período de hesitação ou intermitência - indivíduo, sabedor dos riscos tenta recuar.
- 3 - Período de hábito impulsivo - a tentativa de novas sensações leva ao hábito de viver com elas ou (se a droga for tóxica) a necessidade do organismo.
- 4 - Período de politoxicomania - não geral, mas comum em quase todos os viciados; de um tóxico passa para o outro, sempre em busca de algo mais forte, e conservando aqueles que seu organismo sente necessidade.
- 5 - Período de decadência - as afecções orgânicas e psíquicas levam o indivíduo à desintegração e à morte ou loucura (os casos de morte são raríssimos, mas a incapacidade social ou individual é uma constante quase sem exceção no vício).

A MACONHA VAI ÀS AULAS

*A maconha prejudica os estudos?
Pesquisas nos EUA mostram
que viciado pode ser bom aluno*

A moda, agora, entre os universitários americanos, é fumar maconha: um levantamento feito pela revista "Newsweek" revelou que a maconha, antes com penetração limitada às chamadas subculturas, aos "hippies" e outros descontentes, está abertamente difundida em muitas universidades. Em algumas faculdades, metade dos estudantes a experimentou pelo menos uma vez, e talvez mais de 25% a fumam duas vezes por semana. Em seu livro

"The Drug Scene", o Dr. Donald B. Louria, presidente do Conselho de Vício de Drogas, do Estado de Nova York, diz que 15 por cento dos 6,5 milhões de universitários americanos fumam regularmente maconha e que este número aumenta cada mês.

A maconha é mais comum nas grandes universidades. Na Universidade de Colúmbia, em Nova York, os estudantes podem comprá-la de traficantes que instalaram seus pontos de venda dentro do próprio "campus". Mas, em Fordham, a fim de eliminar o intermediário, um aluno está tentando cultivar sua própria plantação num grande parque público das proximidades. É na Califórnia, entretanto, que se localiza o maior centro consumidor: lá, a maconha pode ser encontrada em quase todas as escolas, por causa da proximidade com o México, de onde vem grande parte da produção. (Um estudante da Universidade da Califórnia faz viagens periódicas ao sul da fronteira, a fim de refazer o estoque do "campus".) A maconha de Palo Alto, também na Califórnia, é vendida a quilos, alcançando preços de 125 a 325 dólares, dependendo da qualidade. E, no Natal, a maconha foi dada como presente a amigos, por estudantes da Universidade de Stanford, na Califórnia.

Preservação da sanidade — O Dr. John

Pollard, psiquiatra do Hospital Universitário, calcula que 40% dos estudantes da Universidade de Michigan fumam maconha. Mas ele acha que a maioria não está interessada em drogas fortes. "Encontraram na maconha algo agradável e a usam pelas mesmas razões das pessoas que tomam um aperitivo antes do jantar. O uso da maconha entre estudantes não é problema. Não afeta suas atividades, a não ser quando são apanhados pela polícia. Ai têm proble-

mas com a lei — mas unicamente com a lei." O Dr. Peter Knapp, da Universidade de Boston, tem outra opinião. Ele acha que "o fumante de drogas tende a ser instável, imaturo, alguém que procura fora de si mesmo uma recompensa de que tem necessidade ou sente que merece". Certos estudantes recorrem à maconha como meio de fuga. "É um meio de preservação da sanidade mental, dentro dessa sociedade em que vivemos", diz um alu-



Califórnia: o grande consumo

no da Universidade de Wisconsin. As escolas de Birmingham, preocupadas com a generalização do uso da maconha, vão dar a seus alunos aulas sobre drogas: os cursos começarão este ano. Existe dúvida, no entanto, sobre o que será ensinado. Os médicos do Departamento de Saúde de Michigan, por exemplo, após examinar 1 379 alunos, concluíram que fumar maconha "representa uma forma social de entretenimento, muito diferente, por sua natureza, dos problemas tradicionais dos vícios de narcóticos ou alcoolismo". Estudantes que fumavam maconha eram socialmente mais conscientes e politicamente mais ativos do que os abstêmios e tinham notas tão boas quanto os outros. Por isto, os médicos de Michigan advertem que "o exagero dos mais velhos, sobre os perigos do uso da maconha, pode servir para descreditar-los diante dos jovens".

The Effects of Marijuana

PRACTICALLY everybody, whether doctor or layman, pothead or puritan, has been expressing dogmatic opinions for years about the effects of marijuana on its users. It therefore came as a surprise last week when a team of Harvard and Boston University investigators reported that they had just conducted the first truly scientific tests ever made on the subject. Their findings, which appear in *Science* magazine, confirm some popular ideas about marijuana's effects and expose others as completely false. The drug, the investigators concluded, "appears to be a relatively mild intoxicant, with minor, real, short-lived effects." It seems to have a greater effect on thinking and perception than on reflexes and coordination.

The leader of the research team was Andrew T. Weil, 26, a senior medical student at Harvard who graduated last summer and is now an intern at San Francisco's Mount Zion Hospital. Weil hopes to make a career of research into drugs that influence the mind. With marijuana, he learned—the hard way—about some of the research difficulties involved. Possession or use of marijuana is illegal, except by hard-to-get federal dispensation. Universities are skittish about sponsoring research that might incur public or congressional criticism, and it took Weil a frustrating year to get the study approved and organized. Then he did it up right: he got his marijuana from the Federal Bureau of Narcotics and Dangerous Drugs itself, and got the attorney general of Massachusetts to agree that nobody would be arrested for taking part in the experiments.

Inhale Deeply. Weil organized two study groups composed of men aged 21 to 26 who had no known psychiatric disorder. Nine of the men had never smoked marijuana (although most said they had wanted to); the other eight were regular users.

Instead of using a psychedelic setting in a dimly lit pad, the researchers ran their tests in a square but comfortable laboratory. They rolled their own cigarettes of three kinds: one of low-strength marijuana, one of high-strength and a third of male hemp stalks, which gave off the same odor but contained none of the psychoactive ingredient. The subjects smoked two reefers within a few minutes in each three-hour session, which included both psychological and physiological tests. The study was double-blind—neither the testers nor the smokers knew, until afterward, which were the dummies and which the weak and strong reefers. The subjects smoked the different kinds of cigarettes in random order at successive sessions.

Red Eyes. The first thing that became clear was that those who had never smoked marijuana before got no reaction in their first session on pot. This tallies

with the experience of many unscientific potheads; they achieved no "high" the first time. The only exception to this was a man who had expressed a desire to get high—and did so quickly. He became euphoric and laughed continuously. Yet one subject who had said that he did not intend to get high never did, even in successive sessions that included heavy doses of marijuana.

Nor could the novices estimate the strength of their reefers. They guessed right eight times out of nine on the dummy cigarette, and six times on the mild reefer, but eight out of nine guessed "mild" when they were really getting a puff with a big clout.

The physiological changes were modest. Novice smokers registered an increase in heart rate of 16 beats a minute on the average (only a small fraction of what occurs at orgasm), while habitual users, who tended to start off with a slower heartbeat, showed a greater but not alarming increase. There was no significant increase in breathing rates. The tests confirmed the widely reported "red-eye" effect of pot: the small blood vessels in the whites of the eyes became dilated, and the higher the dose the greater the dilation.

One "well-known" effect of marijuana did not occur. Many policemen say that they can spot a pothead by the dilation of his pupils. Not so, say the researchers. Or if so, the cause is not marijuana but the fact that potheads have done their smoking in dimly lit rooms, where the pupils naturally dilate. The tests also failed to confirm an assumption that pot causes an increase in appetite by lowering the level of blood

sugar. The subjects showed no changes in blood sugar, so why marijuana smokers get so hungry remains a mystery.

Stretched Time. The psychological tests produced other interesting, but still inconsistent results. The men's performance was unaffected in a test that demands signaling when a particular letter appears in a group of letters flashed on a screen. Another test, in which numbered arithmetical symbols must be put in correspondingly numbered spaces, produced a paradoxical result. The marijuana novices did poorly on this for as long as 1½ hours after smoking, but the habitual users improved their ordinary performance when under pot. A similar discrepancy appeared in a test requiring the subject to keep a stylus on a moving spot. The novices did badly, but the habitual users got better at it.

The tests confirmed the blues player's notion that time seems to be stretched under the influence of pot. Some subjects who had previously been able to gauge a five-minute interval with fair accuracy guessed that the same interval was ten minutes after they had had their smokes. One subject said: "I realize why they took our watches. There was a sense of the past disappearing, as happens when you're driving too long without sleeping. It was the same tonight with eating a sandwich. I'd look down and discover that I'd just taken a bite, but I hadn't noticed it at the time." Another: "Time seemed very drawn out. I'd keep forgetting what I was doing, especially on the first test, but somehow, every time the critical letter came up, I found myself pushing the button."

Why do marijuana users get little or no reaction the first time, and greater highs later? The phenomenon may represent, Weil and his colleagues suggest, a strange case of "reverse tolerance." But, as with many other things about marijuana, they cannot be sure.



YOUNGSTERS SMOKING MARIJUANA
Novices can't even tell if it's mild or strong.

THE A.M.A.

Marijuana Warning

The notion that marijuana is safer for the user than alcohol, or at least no worse, has become one of the soothing and glibly repeated clichés of the day. Increasing numbers of medical men agree with it, among them James L. Goddard, who recently resigned as commissioner of the Food and Drug Administration. Alarmed by widespread and often unverified acceptance of the idea, the A.M.A. and the National Research Council last week took a joint potshot at the drug in what the A.M.A. called a "major position paper" (translation: a report that falls just short of being official A.M.A. policy).

Medical research into the effects of marijuana is still in its infancy—so much so that last week's condemnation had to be based on the same sparse evidence that others have used to support the use, and legalization, of the drug. The major difference, therefore, was one of perspective and emphasis.

► It is well established that the use of marijuana does not produce physical dependence, but can result in psychological dependence. Advocates of legalized marijuana concede this, but add that already disturbed users are more likely than others to develop such dependence. The A.M.A.-N.R.C. report makes no such distinctions; by merely pointing out that the drug can cause psychological dependence, it implied that it should be avoided.

► Those who use marijuana to excess, it is known, run the risk of lessened intellectual activity. Pot partisans point out that those who use alcohol to excess not only lessen intellectual activity but cause damage to the brain, liver and heart as well. The A.M.A.-N.R.C. report contents itself with pointing out that social productivity is reduced in those areas of Asia, Africa and South America where heavy use of marijuana is common.

► The purified and concentrated active ingredient of marijuana, tetrahydrocannabinol (THC), can cause the same sort of hallucinogenic symptoms as LSD. Pro-marijuana physicians point out that THC is in such limited experimental production and is so difficult to synthesize, that few if any marijuana users are likely to get their hands on it. The A.M.A. feels that any LSD-like drug, in any concentration, should not be available to the public.

► Hashish, a form of marijuana with an extremely high concentration of the hemp plant resin that gives a stick its kick, is more dangerous than the garden variety of "grass" generally available in the U.S. Pro-marijuana advocates admit this, but argue that legally available marijuana would lessen the appeal of hashish. The A.M.A.-N.R.C. report predicts that any relaxation of anti-marijuana laws would encourage

an even heavier illegal traffic in hashish, than that at present.

While condemning the use of marijuana and supporting strict penalties for those who sell it, the statement calls present penalties for possession of pot "unrealistic." First offenders, who now face up to ten years in prison for possession, should not be treated harshly, the medical groups recommend. Only penalties for second and third offenses, they add, should be made gradually more severe. And they feel that "additional research is needed to determine more about the effects of marijuana" before anyone should make up his mind about it.

KEN ROGERS



N.M.A.'S DR. SWAN
Moving toward equality.

DRUGS

The Trouble with THC

Among fad-following drug users, the initials of the day are THC. They stand for tetrahydrocannabinol, the chemical compound that is the active ingredient in marijuana, hashish and all other psychedelic drugs derived from Indian hemp. In other words, THC is the kicker in the high.

THC has been extracted in microscopic quantities, and at great cost, for years. It was first synthesized—again, at great cost—in Israel in 1967. Ever since, U.S. potheads have been waiting for a reliable supply of genuine THC from illegal laboratories.

Something called THC appeared on the black market last summer, but in such short supply that it commanded a price of \$8 or more per capsule. The predictable result is that nearly all the "THC" now being consumed, by sniffing or otherwise, is not really THC at all. Instead, it may be talcum powder, an amphetamine ("benny"), LSD or, more likely, a tranquilizer no longer approved for human use but still used to knock out ailing rhinoceroses and elephants in zoos.

Consumer Criterion. "We have yet to encounter any legitimate THC in the street trade," says Richard Callahan, New England regional director for the Bureau of Narcotics and Dangerous Drugs. Narcotics agents throughout the U.S. agree that genuine THC is virtually unobtainable on the street. The reason, say Callahan and other experts, is that the process of synthesizing THC is so complex and costly (\$5 to \$10 per effective dose) that its manufacture makes no commercial sense, even to the Mafia. According to Stanford University's Psychopharmacologist Leo Hollister, genuine THC in doses as low as 70 milligrams may produce symptoms like those caused by LSD—dizziness, blurred or vibrating vision, shortened attention

TIME, JANUARY 24, 1969

span and otherworldly hallucinations. Dr. Harris Isbell of the University of Kentucky, one of the nation's top researchers in psychotropic drugs, goes further: "Sufficiently high doses of THC," he maintains, "can cause psychotic reactions in any individual."

How do users know whether or not they are getting real THC? "If it doesn't cost at least \$15 a capsule, I stay away from it," says a worldly California coed, applying the American-consumer standard that if it costs enough, it must be all right. Whatever the users' criteria or confidence, they are most likely to get such substitutes as the animal tranquilizers, which are known to West Coast aficionados as "hog" and to East Coast fanciers as the "peace pill."

Kicking a Cat. One hopeful but skeptical Manhattan hallucinator recently submitted one of his trusted \$5 caps of

MARTHA HOLMES



SNIFFING "THC" IN NEW YORK
Not even enough for mouse dreams.

"THC" to Arthur D. Little Inc. of Cambridge, Mass., for chemical analysis. The disquieting, bad-trip report: it contained less than one-hundredth of one percent of THC (the rest was a common tranquilizer). In that low concentration, one cap would not be enough to give a mouse dreams of kicking a cat.

Marijuana itself is so variable in potency that the National Institute of Mental Health announced last week that it will have five standard strains grown under contract at the University of Mississippi. At the Research Triangle Institute in Durham, N.C., extracts—including THC—will be prepared from this pot, and the N.I.M.H. will let a limited number of qualified medical researchers test the products, under strict control, on human subjects. That way, N.I.M.H. hopes eventually to find out what are the standard, predictable effects of pot and its various derivatives, including genuine THC.

TIME, JANUARY 24, 1969

THE STATES

The Law & LSD

Within hours of each other last week, the Governors of California and Nevada signed bills imposing fines of as much as \$1,000 and sentences of up to one year behind bars for possession of the hallucinogenic drug LSD. This week a similar measure is expected to become law in New Jersey. In the weird light of LSD's often nightmarish effects, it might seem that such a crackdown would be widely applauded. On the contrary, U.S. legislators and drug experts are actually engaged in a strenuous debate over the degree and kind of controls that should be imposed on LSD.

Dr. Timothy Leary, the ex-Harvard psychologist and psychedelic messiah, contends that the drug has "consciousness-expanding" qualities which stimulate "a religious response that is only understandable in terms of mysticism"; he believes that it should be available "for all." Other enthusiasts argue that laws banning possession of LSD would, under present circumstances, be as unenforceable as Prohibition. Though brewing the stuff is delicate and complex, requiring the skills of at least a college chemistry major, it can be concocted in any laboratory containing sufficient equipment. In New York State, which for a year has had a statute making possession of LSD a jail offense, getting the drug is as easy as it once was to buy a quart of bathtub gin.

"Be Cool, Baby." In Manhattan last week, one prospective purchaser, after approaching only four likely-looking

types in Washington Square and handing over a few dollars, had a sugar cube laced with LSD. The person he bought it from had never even seen him before. Explained the buyer: "It's simple. All you do is go up to a hip-looking type and ask, 'Where can I get a cube?' More often than not, the guy knows, and if you don't look like a cop, will tell you. The usual advice from the seller is 'Be cool with this, baby.'"

Sharing the view that private possession of LSD should not be outlawed *per se* is, surprisingly, U.S. Food and Drug Commissioner Dr. James L. Goddard. In testimony before a Senate subcommittee, Goddard figured that an LSD ban "would automatically place maybe 10% of college students in the category of criminals" and would drive users underground, making it more difficult to find and treat those who suffer dangerously psychotic effects. Goddard argued that present federal laws are sufficient to control the commercial manufacture and sale of LSD—the only legal supplier of which at present is the National Institute of Mental Health. And he vowed to take steps to dry up sources of lysergic acid, the basic ingredient from which LSD is made, and which is itself far more complicated to produce. Domestic production of lysergic acid is now strictly regulated, and the Government plans to stem imports.

"Bad Trips." One reason for the Federal Government's go-slow approach toward controls is its desire not to inhibit legitimate research into mind-manipulating drugs, whose potential for good no one can yet foresee. The NIMH has granted limited amounts of LSD to clinics and research institutes for experimental use in treating such disorders as alcoholism. The new state laws likewise provide for supervised research. But their supporters are convinced that, because of the brain damage and violence that LSD can wreak, society must try to police itself against the drug's unrestrained use. Many psychiatrists

agree. Among the examples they cite: an average of twelve LSD "bad trip" victims a month land, out of their minds, in New York's Bellevue Hospital; two LSD-using youths were discovered in Hollywood last October devouring grass and tree bark; a college student went berserk on an airliner bound from Los Angeles to San Francisco, tried to force his way into the pilot's cockpit before being subdued, a young male user in Los Angeles tried to stop a car on Wilshire Boulevard by saying "Halt," was hit and killed.

Said the sponsor of California's LSD bill, G.O.P. State Senator Donald Grunsky: "You cannot eliminate heroin and murder with laws, but you sure can cut down on them. A lot of kids would be tempted to fool with LSD, but will think twice if there is a law on the books."

DRUGS

Pot: Safer than Alcohol?

More Americans than ever are turning on with marijuana. Most of them are under 21, but an astonishing number of respectable adult citizens are also using "sticks" or "joints" or "grass." Obviously no one knows the total, since possession of a single cigarette is a crime. But Commissioner James L. Goddard of the U.S. Food and Drug Administration cites estimates that as many as 20 million Americans may have used marijuana at one time, while 400,000—some say as many as 3,000,000—may now be smoking it regularly.

The vast majority of users declare that marijuana is simply an escape

worldwide. As the plants ripen, their flower and seed heads exude a resin that contains the highest natural concentration of active cannabis chemicals. The pure resin is hashish, a combination of powerful chemicals. Hashish, by Giordano's own testimony, rarely reaches the U.S.

What the Mexicans christened marijuana (literally "Mary Jane") is a variable combination of female cannabis seed heads with leaves and chopped-up stalks. At best, say U.S. pharmacologists, the mixture is only about one-tenth as strong as hashish. Marijuana is illegally imported into the U.S., mainly from Mexico, either loose or in the form of pressed bricks, called "keys" (for kilos), weighing 2.2 lbs. Connois-

PETRE POLYMFNAKOS



MANHATTAN MARIJUANA PARTY

Also available in salads and brownies.

hatch, probably no more dangerous—even if less tasty—than alcohol. Smoking pot, they say, should be as socially and legally acceptable as drinking cocktails or highballs. In this they are supported by a growing number of physicians, psychologists, sociologists and criminologists. But they are vigorously opposed by both U.S. and state law-enforcement officers. Notable among these is Commissioner Henry L. Giordano of the Federal Bureau of Narcotics, who sees the use of marijuana as "a vice which draws with it a train of depravity stretching far into the future."

Rarely Hashish. Which side is right? The fact is that although man has been using marijuana or related products for 5,000 years, medical science still knows too little about it. Research—even on animals—is hampered by red tape written into restrictive laws and lack of a standardized natural product.

Compounding the confusion, marijuana itself is an inexact term. All marijuana comes from the female hemp plant, *Cannabis sativa*, which grows

seurs strain out the coarse stalks before rolling it into cigarettes or packing it loosely into long-stemmed, cooler-smoking pipes. For \$5, anyone almost anywhere can buy enough through his office boy or teen-age offspring to make six cigarettes.

Overexpectation. As with alcohol, it can be used in a variety of ways and to a variety of degrees. Like their fathers and mothers, who learned to hold their liquor in college, today's youngsters have to learn how, when, where and why to use how much marijuana. A common experience is to feel no effect whatsoever the first time marijuana is used. Quite contrary to the effects of alcohol's first use, this is probably a result of overexpectation, apprehension about the unknown, and the pervasive awareness of doing something illegal. This last aspect is one reason that photographed pot parties often look furtive and clandestine. "The first time I ever smoked pot, I got upset, frightened and sick," says a mid-thirtyish Chicago housewife.

A San Francisco architect got his first fraction of an ounce of pot as a gift. He and his date did a ham-handed job of rolling joints that dripped leaves at both ends. Somehow they smoked them. What happened? "Exactly nothing. The next night we rolled four joints and got down to some serious smoking. After about 20 minutes, I began to feel slightly high, as though I was beginning to be high on alcohol. My head and feet felt lighter. It felt like I was walking wobbly—which, it turned out, wasn't so."

Varied Effects. Once a marijuana smoker (or eater; marijuana can be mixed into such foods as salads and brownies) becomes accustomed to pot, the effect varies according to the individual. The same, of course, is true of alcohol. "The number of joints smoked depends on the mood and the group," says the Chicago housewife. "I remember one calm, musical evening when three of us went through 14 sticks. I remember another when 20 of us smoked only three." She can get high on two Scotches, and has on occasion drunk enough liquor to pass out. "But," she says, "the high on liquor is much rougher and harder. I've never passed out on pot, and never done anything that I didn't remember or wouldn't have done while not smoking. With pot, you have much better control over your senses and actions."

Medically, alcohol is a depressant; so is marijuana. Therefore, it often depresses libido. But the offsetting release of inhibitions can make sex more acceptable and enjoyable—although marijuana is no aphrodisiac.

"Eventually," says the San Francisco architect, "my first marijuana high turned into a laughing jag that was infectious. Each of us roared at the other's antics. We put on some phonograph records and were captured utterly by the music. Eventually we grew affectionate and made love. I have since taken marijuana many times around attractive girls with whom I shared no emotional relationship, and there was no sexual attraction to speak of."

"Marijuana defies quantification by its very essence; you must learn to handle it comfortably. Almost always it makes us hungry, and we eat ravenously—just about anything, all of which tastes much better than ever before, since the senses for some reason seem to be more on the beam."

Strawberry Ice Cream. There is such a thing as too much pot, and such a thing as getting "stoned" on it. Stoned on alcohol, the ordinary social drunk can become maudlin, irrational, incoherent and perhaps physically ill. A smoker who has had too much pot, says the San Franciscan, tends to become "quite anxious, overly self-conscious and very ill at ease. These are usually intensely personal discomforts that are hard to articulate, but they are usually short-lived—say, two hours long at the most. I have had very moving illusory experiences under pot too. These

aren't true medical hallucinations, since I knew full well at the time that they were the results of my intoxication and would pass." But he insists, as do most pot smokers, that there is not a trace of morning-after hangover.

From his own experience, the architect has decided that "pot certainly isn't addictive in the normal sense. For those who like it, it's as habit-forming as strawberry ice cream to people who love that dessert. Since my first try, I have gone as much as six months without so much as a puff."

It was just this sort of undramatic report, repeated time and time again, that led Dr. Goddard to make some top-of-the-head remarks to students at the University of Minnesota last fall. "Whether or not marijuana is a more dangerous drug than alcohol is debatable—I don't happen to think it is."

Two Vices for One? Then there are the physicians and lawmen, like Commissioner Giordano, who indict marijuana on three counts: 1) it builds up an addictive need for continued use, 2) it leads often and almost inevitably to the use of hard narcotics such as heroin or to LSD,* 3) it impairs mental functioning at least temporarily and may damage the mind permanently or even destroy all rational mentation.

Except for Item 2, there are obviously parallel charges that can be leveled at the excessive use of alcohol. But Giordano declares: "Surely it is not valid to justify the adoption of a new vice by trying to show that it is no worse than a presently existing one."

But are the charges true? The answer, in view of the dearth of scientific research, cannot yet be conclusive. But there is significant evidence in the history of marijuana during the hundred-odd years before 1967, when it was commonly prescribed for sedation, senile insomnia, menstrual disorders, epilepsy, severe neuralgia and migraine.

No Withdrawal. One who has intensively studied the 100-years record is Dr. Tod H. Mikuriya, now a psychiatrist in private practice in San Francisco but last year a consultant on cannabis research to the National Institute of Mental Health. All the evidence from a century's medicinal use, says Dr. Mikuriya, shows that the drug is not a narcotic in the medical sense. It is not physiologically addicting, so there are no withdrawal pangs. There is little or no buildup of tolerance that would lead to the use of increasing doses, as is the case with the true narcotics—opium, its refined extracts (heroin, morphine, codeine) and their synthetic substitutes. Additionally, Dr. Mikuriya reported, cannabis is so nearly nonpoisonous that

* Dr. Maimon Cohen, geneticist at the State University of New York at Buffalo, reported last week that in a study of 220 LSD users, between 70% and 80% showed chromosomal damage in their blood cells—four times the normal rate. What is more, he said, babies of women who had taken LSD during the first three months of pregnancy showed increased chromosome breaks in body cells.

to kill one mouse requires 40,000 times the dose that makes a man high. By contrast, 20 times the relaxant dose of alcohol can kill a man.

What of the fears that marijuana use will inevitably create an appetite for more dangerous drugs? Even marijuana's defenders concede that most heroin addicts and LSD users have tried marijuana first, but they deny there is a cause-and-effect relationship. Most likely, they say, the disturbed individual seeking to escape will start with alcohol or the cheapest and most readily available drug, which happens to be pot. If he later takes to heroin, he would eventually have done so anyway.

Some evidence against the stepping-stone argument came a fortnight ago from Giordano's own Bureau of Narcotics. The number of known hard-drug addicts, said Giordano, increased

ful drug. A possible reaction in a disturbed but not psychotic person is to become 'strung out'—psychologically dependent on marijuana."

University of Chicago Psychiatrist Jerome Jaffe says flatly that he has neither seen nor heard of any admissions to mental wards that seemed to result from marijuana. But he concedes that there may be mental or brain damage from long-continued, high-dosage use of more potent cannabis preparations such as hashish.

Extreme Dosage. Last week, at a Chicago conference on psychedelic drugs, Dr. Donald R. Jasinski of the National Institute of Mental Health reported that he had produced LSD-like symptoms with tetrahydrocannabinol (THC), one of the purified active ingredients in cannabis. The test patient, he said, developed visual hallucinations, distortions



MANHATTAN DATING BAR ON A BUSY NIGHT
Some say this high can be harder and rougher.

from 59,720 in 1966 to 62,045 at the end of 1967, or 3%. Moreover, the number of new addicts detected rose only from 6,047 to 6,417. If only one in a hundred of the potheads had switched to heroin last year, the increase would have been far greater.

Strung Out. Most physicians agree that the only physical effect of marijuana smoking is temporary impairment of visual and muscular coordination. As for mental effects, a few psychiatrists regard marijuana as a mild hallucinogen or mild psychedelic, but they are virtually unanimous in insisting that they have never seen a severe illness (psychosis) brought on by marijuana—in sharp contrast with the frequency of such breakdowns among people on LSD. Dr. Duke Fisher, of the U.C.L.A. Neuropsychiatric Institute, says: "When normal people take marijuana, there's no adverse reaction. When pre-psychotic people take it, there can be a serious psychotic reaction, but then marijuana is only a catalyst, and often only in conjunction with LSD or some other power-

of sensory perception, loss of insight, muscle rigidity and muteness. "He later related that he saw himself shrivel down to a doll, and witnessed his own funeral," said Dr. Jasinski. To Dr. Harris Isbell of the Federal Addiction Research Center in Lexington, Ky., Dr. Jasinski's experiments "definitely indicated that the psychotic effects of THC are dependent on dosage."

Even though the average U.S. marijuana user is unlikely to get his hands on hashish, let alone refined THC, considerable research must be done into the properties of all cannabis preparations before legalization of marijuana can be rationally considered. Action in this direction is obviously needed; like Prohibition's Volstead Act, current anti-marijuana laws only result in the arrest of increasing thousands of young Americans each year without any deterrent effect. The use of marijuana is fast becoming a social phenomenon rather than a legal nuisance, but medical science and the law have not kept up with the change.

DRUGS

Is the Pot User Driven— Or in the Driver's Seat?

Drug users insist that marijuana, amphetamines, LSD and other psychedelic agents give them pleasure, a euphoric "high" and a marvelous expansion of consciousness. A growing body of medical data suggests that they are kidding themselves on all these counts. Psychiatrists and psychologists are coming to the conclusion that potheads

TIME, JULY 25, 1969

and acidheads do not turn on simply for pleasure and thrills, but in a futile attempt to escape profound depression; that if they get high, it is only in an ecstatic defense; and that they do not wind up with an expanded consciousness but with a decidedly contracted one.

Collective Narcissism. In a report to the American Medical Association's convention held in midtown Manhattan last week, Psychologist Anthony F. Philip of Manhattan's Columbia College emphasized that such judgments do not necessarily apply to the thrill-seeking experimenter who smokes a couple of reefers, or even the occasional, "recreational" user. But they do apply, he said, to regular users. The anarchic anti-Establishment attitude of these "pot lusers," Philip added, stems from an "intolerable, chronic, low-grade depression, including 1) a subjective sense that somehow they have been cheated by life in general and by their parents in particular, and 2) a smoldering, tense, brooding sort of resentfulness."

Philip noted that the majority of heavy users seem to have an excessive share of the narcissism generally equated with adolescents. In fact, their pot parties represent a sort of collective, community narcissism: "They congregate in groups to smoke pot, but as soon as they 'turn on' and are 'stoned,' each is alone, absorbed with himself." While they talk about freedom of expression and new avenues of self-discovery, Philip found, in most of the cases he has seen at Columbia University, "the student appears to be driven by motivations beyond his conscious awareness and control. The subjective sense of freedom is illusory; the student is being driven rather than being in the driver's seat himself."

Though the drug user may claim that his trip brings intense euphoria and a matchless sense of well-being, Philip believes that he is not achieving genuine pleasure but merely canceling out an underlying depression and boredom. Moreover, Philip contends, the habitual user becomes so preoccupied with the drug mystique and the subculture attending it that the effect is a narrowing of consciousness and a focusing of attention upon the drug world instead of the real one. This type of user may claim that he becomes more creative, but actually he becomes less productive, focusing entirely upon the present and ignoring future goals.

Do some young people turn to marijuana and other psychedelics because they are already inclined to be idle, dreamy drifters? Or do they get that way because of their drug experiences? Philip side-stepped that chicken-and-egg controversy. But he suggested that in at least some cases, the regular use of marijuana may be followed by an "amotivational syndrome" marked by apathy and a disinclination to concentrate or to follow through on long-term plans.

TIME, JULY 25, 1969

Penalties and Programs

While the A.M.A. was staging its medical symposium on marijuana, President Nixon announced a national drive against narcotics and other drugs rated dangerous. Nixon asked Congress to impose stiff penalties for violations, and to make federal drug-abuse law more consistent. Now the penalty for sale of marijuana is two to ten years in prison for a first offender, while sale of the far more dangerous LSD carries only a maximum one-year term. The Administration asked Congress to set from five to 20 years as the penalty for sale of both drugs. It will also propose a uniform law for the 50 states.

The mere possession of marijuana is not presently a federal offense. Nixon would remedy that by making it a federal offense to possess or transfer marijuana without a state license—which is unobtainable.

Many medical and legal authorities had hoped that the marijuana penalties would be reduced for two reasons: 1) they are so harsh as to make the law unenforceable, and 2) there is still no conclusive proof that the drug is harmful. The professionals were disappointed. The only softening of the penal code proposed by the Administration was to give federal judges the option of putting a first offender on probation, after which, in case of good behavior, his record could be expunged.

Forbidden Fruit. Psychiatrists and other physicians who favor a different approach consider attempts to enforce prohibition of marijuana to be self-defeating; such efforts, they argue, give the drug the appeal of forbidden fruit. They believe, moreover, that the imposition of penalties for possession, or even use, makes criminals of ordinary young people who are carried away by a simple urge for experimentation. These are moderate reformers, who do not advocate abolition of laws against importation or sale of marijuana, and who offer no defense whatever for LSD or other "hard" drugs.

The Administration's educational program also evoked some doubts. Nixon said he had directed three Government agencies "to compile a balanced and objective educational program to bring the facts to every American—especially our young people." But in light of the generation gap in attitudes toward drugs, preachments from elders are likely to have little effect upon youth. On one issue, however, the President might have been speaking for his professional critics. "Proper evaluation and solution of the drug problem has been severely handicapped by a dearth of scientific information—and the prevalence of ignorance and misinformation." To gain the necessary new knowledge, the President said he had directed the Department of Health, Education and Welfare to expand its research efforts. That was clearly a desirable, although still tentative, first step.

EUGENIO

12/6

Fumo maconha para ficar ligado. O mundo exterior não me dá condições de interiorização, eu precise disto, preciso ficar ligado com o meu interior. Acho errado a pressão social, ela não quer que eu fique tendo as verdadeiras dimensões do meu Ser. Posso compreender tudo melhor quando estou sobre o efeito da maconha. Sinto necessidade psicológica (não física) de continuar fumando. Quando fumo estou em contacto com as coisas, sinto vontade (só vontade) de agir, tudo entra numa nova e fascinante dimensão.

GERALDO

17/6

Tomo bolinha. Problemas familiares. Eu precisava fugir: aos sábados e domingos era necessário ficar doidão (mais tarde explicado). Isto abriu minhas portas da percepção, e mesmo sem tomar mais a compreensão que descobri durante os efeitos me fez muito bem. A bolinha aumentou minha rapidez mental, mesmo após o efeito. A volta à realidade não era tão dolorosa assim, havia uma depressão física, e mais nada; Eu ficava parado, compreendendo tudo ao meu redor. Tinha complexo de inferioridade, era muito tímido, e a "bola" me dava uma couraça, uma condição melhor de encarar a realidade. O efeito era impressionante: mais segurança, raciocínio mais rápido, aumento de consciência. Fisicamente minha salivação era interrompida, a boca mexia muito, não tinha sede. Continuei porque era bom, e parei porque foi proibido. Ficava mais calmo e tolerante, nenhuma fúria. Quando proibiram, passei (por acaso) para a maconha. Não fumo muito, só quando tenho oportunidade. A bolinha dá efeito mental, a maconha aumenta os sentidos: ouvir música, estar mais ligado à tudo. Não devo nada a sociedade,

isto não me impediria de continuar cumprindo com minhas obrigações, porque não posso fumar? Se tomo porre, porque não posso fumar? Não acho maconha perigosa: a agressão reside na pessoa com ou sem maconha, sendo que esta fica reduzida ao mere efeito psicológico para quem deseja fazer mal a alguém (efeito êste que o alcool também dá, e nem porisso é proibido). Acho que se liberarem a maconha, devido ao excesso de lendas em volta dela, vão aproveitar para cometer crimes.

Os toxicos me ajudaram a passar uma fase de difícil angústia. Meus pais viviam bem, mas meu pai morreu de câncer, e de repente tudo se desmoronou para mim. Senti um vazio: o Nada. Passei a ficar alienado, não sabia o que se passava a minha volta, não havia estímulo para viver. E no entanto minha natureza se rebelava, pedia para me movimentar e agir, paradoxalmente aos fatos. Aí veio o tóxico, que eu só tomava no fim de semana. Isto me ajudou a passar a angústia, porque o fim de semana representava para mim um mundo novo. Tudo era maravilhoso! Era o que eu necessitava para atravessar a fase: uma esperança. Passou a fase e não necessitei mais. Acredito, porém, que muita gente se vicia e a esperança se destrói. Minha namorada agora é minha maconha: não tenho mais a necessidade de afeto que a maconha e a bola me ajudavam a defender. Aumentou muito minha criatividade. A revolta social, contra o que via, influiu muito para que eu tomasse. Me sentia orpimido pelo Estado.

MOURAO

20/7

O depoimento foi tomado durante um transe de haxixe, com tôdas as implicações que isto possa trazer. Houve uma espécie de ritual, com cachimbo de prata refrigerado à água, incensos, música psicodélica. Mais um participante, Arlindo, cujas declarações mais importantes também foram anotadas.

Mourão - É preciso uma preparação de fumo se você quer tomar LSD.

¶ A janela está fechada. Não se deseja luz. O ambiente é meio místico, notando-se realmente que algo está sendo buscado.)

MOURÃO - Ultimamente tem pintado uns fumos horrorosos. Este é bom.

ARLINDO - É bom. A água do cahimbo já está quente.

M - Vontade de morrer de bom!

(Música dos Beatles. Somos dominados um pouco pela sua harmonia. Mourão tem acessos eufóricos, Arlindo está quieto, ri um pouco às vezes.)

M - A música está muito na frente do resto. Você pega um universo de sensação.

(parece que não se lembra do que está falando, tem de fazer esforço)

PAULO - Eu quero uns dados para o espetáculo. Porque a gente queima?

M - Se é para falar, vamos tomar uma bebidinha (fugiu da pergunta);

P - Mas me fala um pouco, como deve ser este espetáculo.

M - Deve mudar dia a dia. E não deve ter definição.

P - O que a gente busca fumando haxixe?

M - Não se define. Não se pode.

A - Aumenta a sensibilidade. As coisas participam mais (está deitado
↓ no chão, meditando, sem grande participação efetiva na conversa)

M - Claro. Haxixe é a procura da harmonia. A única forma de atingir o Cosmos (entendimento de tudo) é pela cuca. E o haxixe é uma escola, uma preparação. Os orientais queimaram durante gerações, e agora não precisam muito. Já têm o entendimento na cuca. Precisamos descartar o Ocidente. Sensibilidade ampliada. Possuímos o ONISOM (som de todas as coisas numa harmonia única.) O haxixe é um degrau do consciente (para a compreensão total). A única saída do homem é libertar o consciente. - faz agora uma confusão proposital. A única saída da libertação do consciente corresponde a fusão do subconsciente universal que nada mais é que a transcendência cósmica. Para de anotar as coisas, parece que estamos cozinhando.

A - Tem de ser uma peça muito doida.

M - Não é colocar gente que fuma. Qualquer pessoa poderia fazer isto. É preciso uma liberdade total.

A - Ao invés de teatro, alugar uma casa e fazer ritual.

M - Chega de receita. Todo mundo criando no palco. Cada um tentando criar. E para de perguntas sintéticas.

A - Fazer laboratório com todo mundo cheio de fumo. Estou numa outra dimensão, o haxixe pode levar ou ao desespero total ou à maior alegria.

V - Você gosta da idéia do espetáculo.

M - Não houve, em teatro com exceção de "Hair", alguma coisa que dissecasse o que existe.

A - O que influi mais quando a gente está na onda é música.

M - É a ligação direta. Som funciona demais. Alucinante!

A - No espetáculo, nada de roupas bonitas. Rasgada e sujas.

M - Estou pensando nos salgadinhos indianos.

A - Quem não fumou, não vai saber interpretar. Deve entrar em cena muito na onda.

M - O espetáculo deve mudar cada dia.

P - Vou colocar um final cansado.

M - Música, luz!

A - Peça sem fim. Começa num dia e acaba quando tudo estiver cansado.

M - Carêta (sujeito que não fuma) não vai gostar, mas deve ficar envolvido emocionalmente.

(pausa)

M - Todo mundo devia fumar, mas controlado. Fumar como formação.

↓ A massa devia participar. Mas ninguém tem maturidade para isto.

Só a Suécia e uma pequena parte da Inglaterra. Corre-se porém acontecer tôdas as coisas que são falsamente atribuídas ao fumo, pelo efeito psicológico. As pessoas libertam algo instintivo que já existia antes. Mas pode não acontecer isto. Você pode ficar passivo, cheio de barreiras aonde o efeito bate

e volta, sem se realizar. Isto deve dar uma certa paranóia.

A - Quando vou em casa, diante de meus pais, me sinto na pior.

M - Tá vendo? Agora me digam. Porque que o Arlindo se sente mal diante dos pais?

P - Porque aparecem as barreiras.

M - Sim, o fôssco ente duas gerações. Conceitos diferentes que sortam a onda. Conforme a realação, você pode entrar na paranóia. Ou, se todo mundo fumasse maconha, podia também acontecer que a humanidade ficasse na placidez, na calma, na maior tranquilidade.

A - Nesta peça não se devia falar.

M - Eu vejo muitos sons. Som é fundamental. Muitos uivos. Nada de palavra. Palavra só quando não quer se dizer absolutamente nada. Sublinha isto. Capto muito vibrações quando estou assim. Atualmente a paranóia é tão grande que você não fica tranquilo (Vietnam); Qual quer pessoa pode captar.

A - No Brasil é uma calma absoluta.

M - Uma alienação consentida. Mas acho que todo mundo capta.

A - Depende de como você entra na placidez.

M - Sou contra. Você, mesmo alienado, também sente vibrações. Pegue um matuto que é médiun, que tem aquela abertura, captando tudo. Não precisa se ter cultura para captar vibrações. No fim, as vibrações se juntam, se polarizam, e dá o Nirvana.

P - É porisso que cara que fuma não participa da vida.

M - Eu acho que participa mais, porque olham vêem, sentem e captam vibrações cõsmicas. Lógico, não é uma participação política.

(longa pausa. Arlindo muito perdido. Mourão nem tanto, bastante consciente.)

A - Tem que ser ritual, para se queimar bem, para se dar o devido valor.

M - Esta é a verdade histórica do ritual. Ritual é um meio. O ritual não consagra nada. Você é que é consagrado pelo ritual.

- P - E Cristo, como é que teve aquela visão?
- M - Viajou para a Índia, entre os 12 e 33 anos, aprendendo com os gurus (pausa) É genial que a legião esteja aumentando.
- V - É bom fumar com os outros?
- M - É bom, contanto que o sujeito não seja carêta. É melhor.
- P - E você acha que há possibilidade de uma pessoa chegar a esta visão sem fumar?
- M - Eu estou atrás disto, todo mundo está atrás disto. Os gurus passam a vida inteira para chegar numa desta. Tem gênios no mundo ocidental que conseguem. Mas é difícil. É preciso uma grande preparação para se chegar a isto.
- P - E o caminho da maconha leva a isto?
- M - Depende da pessoa e do que ela deseja. As reações variam.
- P - É esse o caminho de vocês?
- M - A gente não consegue de desprender totalmente. No Nepal estive com um americano que teve uma abertura imensa. Vivia meditando. Um dia quando voltei para casa, êle tinha dado meus casacos, a flauta de um amigo, e outras coisas para quem precisava. Não pude entender direito. Ainda estou muito apegado às coisas.
- V - Se todo mundo fumasse, como seria o mundo?
- M - Meditação total. O mundo seria assim como o disco (na vitrola, o Beatles tocam REVOLUTION 9, usando sons disformes para conseguir uma união).
- V - O mundo faria alguma coisa?
- M - Fazer o quê? Foguetes? Vietnam? Ninguém ia morrer de fome. E não seria necessário conversar muito. Seria como esta música: só vibração.
- A - A gente está falando muito. Corta a onda. Agora não.
- P - É errada a pressão social?
- M - Inevitavelmente. A moçada no Nepal queima quando quer e só faz besteira quando bebe álcool. Mas no Brasil, o nível de

mentalidade do povo justifica a repressão.

P - Existe frustração psicológica?

M - Claro.

P - Tem efeito sexual em você ?

M - Amplia o desejo, não físico, mas dando outra interpretação. Não posso alienar do fumo o que está dentro da epiderme. "Isto" atua de várias formas (pausa) Dá criatividade.

RUIZINHO

20/6

P - Que acha a respeito do tóxico?

R - Acho a felicidade tóxica uma faca de 2 gumes, porque o homem tem sua natureza própria que não deve ser modificada.

P - Quais suas sensações durante a onda da maconha?

R - Descobri muita coisa. Tem várias fazes: quando comecei, me sentia uma criança, à vontade. Depois de um certo tempo, continuava tomando por tomar, mas o efeito era muito curto. No final, só a sensação desagradável, de cansaço mental. Eu já entrava naquilo que se chama "bode" (ressaca).

P - Mas o efeito abria alguma porta em você ?

R - Me sentia realmente com uma visão melhor. Mas quando saía da onda, tinha um embotamento total. Perdi o interesse por todas as coisas. A arte e o interesse científico parou, meu espírito esfriou depois que larguei tudo. Passo agora semanas, meses sem fumar, mas de repente volta uma vontade incontrolável, os sintomas aparecem sem fumar (boca seca, salivação deficiente, pulsação acelerada) e tenho que procurar um "basico".

P - Você acha que devia ser liberada a maconha?

R - No começo, pensei que a solução da humanidade era a maconhoterapia. Um grande levantamento moral. Mas o efeito vai mudando e já não é a mesma coisa.

Realmente o espírito do homem precisa de alimentação. Mas os tó-

xicos não levam a lugar nenhum. Apenas uma sensação física, com esperanças. Não passa disto.

P - Devia ser proibido?

R - Devia ser proibido. Mas depende também de como você o toma.

Um ritual dá condições de penetração numa dimensão diferente,

A mediunidade que existe em todo homem pode ser aberta com o batismo do tóxico.

P - Havia uma necessidade promente de fumar maconha?

R - Quando estava viciado, mesma sensação de sede. Não podia passar sem ela. Era totalmente dominado.

P - Porque começou?

R - Achava um absurdo quem fumava. Mas um dia, para ir à uma festa, resolvi experimentar um pouco. Maravilhoso! Me senti forte e superior. A melhor coisa do mundo. Não insisti por pura vontade, mas acontecia uma vez por outra, e minha dependência aumentava. No início era interessante. Conversava qualquer coisa com uma profundidade total. Superpotência. Mas o efeito foi diminuindo e passei para a bolinha. Era bom. Até sensações afrodisíacas eu tinha.

P - Mas houve um vício orgânico ?

R - Realmente não sinto nem senti qualquer dependência física.

Fumava apenas em busca de sensações. Mas a curiosidade intelectual que eu sentia terminou num embotamento que se prolonga até hoje.

P - Porque, depois de quase não sentir mais efeito, o viciado insiste?

R - Há uma mistificação do tóxico. Você sabe que não vai sentir nada, mas aquilo se prolonga, você engana a si mesmo dizendo que é muito bom.

P - Alguma problemática psicológica influuiu para que você tomasse?

R - Não acredito. Fumei porque todo mundo fumava. O motivo é o mesmo que leva uma pessoa a tomar um trago, tocar violão, etc.

P - Você ficava violento?

R - Não. É mentira que a maconha leva a sujeito a cometer assaltos.

P - É melhor ficar só ou acompanhado, durante a onda?

R - Dependendo do estado que te leva. Mas a "bola" te dá uma comunicação total. E você só se entende com gente que também tomou. Um sujeito "sêco" não vai entender a conversa. A sensação não é só por sensação, mas uma necessidade de se comunicar. Isto resulta do fato de viciados quererem introduzir mais viciados.

P - Te fez algum mal físico?

R - Nenhum. Saí de uma forte hepatite fumando maconha. Curei uma intoxicação fumando maconha.

P - Quais são as sensações da "bolinha"?

R - No início, aquilo que chamamos "batida": sensação passiva de prazer. Mas logo que vai fazendo efeito sente-se uma euforia, liberdade total. No final vem a "rebordosa": todo mundo chateado, invocado, de cara amarrada. Come e vai dormir.

P - O tédio contribuiu para que você tomasse?

R - Muito.

P - Havia uma busca comum entre o pessoal que fumava?

R - Ninguém buscava nada. Mas podia acontecer que, durante o efeito, chegássemos a grandes descobertas, grandes conclusões. Mas a maioria ia em busca de efeitos espirituais diferentes, a maioria tomava para esquecer ou se interiorizar. É uma fuga como outra qualquer.

P - Algum efeito retardatório depois que você parou?

R - Durante os tóxicos eu vivia mais. Agora estou meio apagado. Menos criativo. Desanimado. Vou levando a vida.

PEDRO QUEIMA

20/6

P - Você é contra a liberalização da maconha?

R - Se é um vício, eu sou contra o vício.

P - É, portanto, à favor da repressão?

R - Para salvar aqueles que ainda têm boas intenções?

P - O tóxico é um problema moral?

R - Não é só um problema moral. É um problema de desregramento e desorientação.

P - É válido experimentar pelo menos uma vez?

R - Não. À primeira experiência segue-se outra, e isto acaba se transformando em rotina.

P - Você acha que o viciado causa mal social?

R - Em primeiro caso, eu acho que ele causa mal a si mesmo. No segundo lugar, acho que a sociedade não é afetada, mas deve mantê-lo dentro de limitações porque isto pode generalizar.

P - Porque existe o problema de tóxicos da sociedade moderna?

R - Porque o pessoal não vive dentro de limites, dentro de sua vida. Acho que é um problema social na medida em que isto pode se estender a outras pessoas.

P - Porque o álcool é livre e os outros tóxicos proibidos?

R - Sou contra também o álcool. Desconheço a lógica de só o álcool ser proibido, mas acredito que seja menos profundo que outros entorpecentes.

P - E o LSD, que não é tóxico?

R - É uma arma de guerra e destruição.

P - Como você encara os viciados?

R - Eu encaro com pena. Não tiveram forças suficientes!

P - É um problema de polícia ou de psiquiatria?

R - Inicialmente, um problema policial, para diminuir a expansão. O problema policial é a segunda fase, para curar o que já existe.

P - Ficou provado que a maconha não leva ninguém ao crime. O que acha?

R - Não acredito. Para mim não há distinção entre vício e hábito. Todos fazem parte de uma só reunião.

P - Você acha que eles procuram algo ou estão fugindo?

R - Não, eles não estão procurando nada. Eles estão se afundando.